



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA E A PRÁXIS
DOCENTE: Um estudo de caso nas turmas do 9º ano da E.E.E.F de
Demonstração – Alagoa Grande-PB**

JOSÉ RUFINO DA SILVA JÚNIOR

**GUARABIRA-PB
2014**

JOSÉ RUFINO DA SILVA JÚNIOR

**RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA E A PRÁXIS
DOCENTE: Um estudo de caso nas turmas do 9º ano da E.E.E.F de
Demonstração – Alagoa Grande-PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Humanidades – Campus III da Universidade Estadual da Paraíba – Guarabira/PB, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduado em licenciatura plena em Geografia.

Orientadora: Prof^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

GUARABIRA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva Júnior, José Rufino da

Recursos audiovisuais nas aulas de geografia e a práxis docente
[manuscrito] : um estudo de caso nas turmas do 9º ano da E.E.E.F de
demonstração – Alagoa Grande-PB / Jose Rufino da Silva Junior. -
2014.

32 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Mônica de Fátima Guedes de Oliveira,
Departamento de Educação".

1. Recursos audiovisuais. 2. Ensino de Geografia, 3. Práxis
da educação. I. Título.


21. ed. CDD 910


JOSÉ RUFINO DA SILVA JÚNIOR

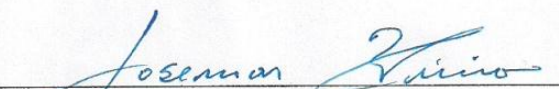
**RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA E A PRÁTICA
DOCENTE: Um estudo de caso nas turmas do 9º ano da E.E.E.F de
Demonstração – Alagoa Grande-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 10/03/2014.


Profª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/UEPB
Orientadora


Profª. Ms. José Otávio da Silva/UEPB
Examinador


Profª. Esp. Josemar Vieira/UEPB
Examinador

Dedico este trabalho a Deus, a minha família e a todos que me incentivaram de alguma forma durante esta jornada. Aos colegas de curso, amigos e professores que compartilharam estes momentos junto comigo. E, principalmente, a todos aqueles que assim como eu, são felizes.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das principais virtudes de alguém que valoriza o legado da vida. Agradecer a Deus por me concedido a vida e ter me permitido vir ao mundo em uma família tão especial, dando-me forças sempre. A Ele, meu eterno e incansável agradecimento!

A minha família, especialmente minha mãe, da qual veio todo o estímulo para ser o que sou hoje, especialmente a minha mãe, Terezinha Clementino, que foi indiretamente minha grande incentivadora.

Agradeço em particular ao professor e mestre, Cleones Lúcio, o qual não mediu esforços para dar auxílio na realização deste trabalho; assim como à professora Mônica Guedes, orientadora e amiga, que durante a elaboração deste trabalho final, mostrou-se colaboradora e paciente, sabendo compreender meu tempo (e principalmente, a falta dele).

Agradeço também aos colegas de jornada, Dorinha, Patrícia, Dudu, Luís Carlos, Renata Sousa, Jackson Leandro que compartilharam comigo seus conhecimentos, direcionando-me, compreendendo-me e me ajudando nas questões filosóficas.

Agradeço também as pessoas que acreditam que a felicidade é um dom de Deus e que todo filho de Deus tem o direito de possuí-la.

“(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47)

**RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA E A PRÁXIS
DOCENTE: Um estudo de caso nas turmas do 9º ano da E.E.E.F de Demonstração
– Alagoa Grande-PB**

Linha de Pesquisa: O ensino da Geografia na educação fundamental e médio

Autor: JOSÉ RUFINO DA SILVA JÚNIOR

Orientadora: Profª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira – DE – UEPB

Banca examinadora: Profº. Ms. José Otávio da Silva – DE - UEPB

Profº. Esp. Josemar Vieira – DH - UEPB

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o resultado de pesquisa concernente à utilização de recursos audiovisuais no ensino de Geografia a partir do relato da experiência realizado na Escola de Demonstração de Alagoa Grande, durante estudo de caso. Nossos aportes teóricos se calçam também em pesquisas bibliográficas, na qual corroboramos com Moraes(1983), Freire (1975), Pacheco(2001), entre outros. A prática docente durante esta experiência nos permitiu destacar dois recursos principais: o vídeo e a música como forma de alavancar o interesse e aprimorar a aprendizagem. Pretendemos aqui descrever, investigar como pode se dar a utilização desses recursos e quais resultados obtivemos ao os inserir em nossa práxis. Adotamos como metodologia, a pesquisa e o “caminho” da percepção – descrição (ou relato de experiência) – análise – argumentação, embasada em fontes bibliográficas especializadas supracitadas.

Palavras-chave: recursos audiovisuais, ensino de geografia, práxis.

**RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA E A PRÁTICA
DOCENTE: Um estudo de caso nas turmas do 9º ano da E.E.E.F de Demonstração
– Alagoa Grande-PB**

Linha de Pesquisa: O ensino da Geografia na educação fundamental e médio

Autor: JOSÉ RUFINO DA SILVA JÚNIOR

Orientadora: Profª. Ms. Mônica Guedes – DLP – UEPB

**Banca examinadora: Profº. Ms. José Otávio da Silva – DE - UEPB
Profº. Esp. Josemar Vieira – DH - UEPB**

ABSTRACT

This article aims to present the results of research concerning the use of audiovisual aids in teaching Geography from the account of the experience held in the School Demonstration Alagoa Grande, during case study. Our theoretical contributions are also shown in bibliographical research, in which we agree with Moraes (1983), Freire (1975), Pacheco (2001), among others. The teaching practice during this experiment allowed us to highlight two key features: video and music as a way to leverage the interest and enhance learning. We intend to describe here, can investigate how to use these resources and what results we obtained when inserting them into our practice. We adopted methodology, research and "path" of perception - description (or experience report) - analysis - arguments, based on the above specialized bibliographic sources.

Keywords: teaching resources, teaching geography, praxis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Foto da fachada principal e portão de entrada da Escola de Demonstração

Figura 2. Foto da Aula de Geografia utilizando recurso audiovisual

Figura 3. Foto da Aula de Geografia utilizando o recurso cartazes e audiovisual

Figura 4. Foto da Aula de exibição do vídeo “Tempo, Trabalho e Subjetividade”

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – O que é a geografia para você?

Tabela 2 – Como são as aulas de Geografia?

Tabela 3 – Os recursos audiovisuais tornam as aulas de geografia mais paradas ou mais dinâmicas?

Tabela 4 – As aulas ministradas com o vídeo “Tempo, Trabalho e Subjetividade” e com a música “Capitão de Indústria” dinamizou a aula de Geografia e facilitou sua compreensão?

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O ENSINO DA GEOGRAFIA.....	13
2.1	Breve histórico da evolução do ensino da Geografia no Brasil.....	13
2.2	O professor de Geografia e as metodologias de ensino.....	15
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
3.1	Metodologia.....	17
3.2	Conhecendo a escola-campo.....	17
3.3	Instrumentos utilizados.....	18
3.4	Roteiro de campo.....	19
4	ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	20
4.1	As avaliações e seus resultados.....	20
4.2	Análise dos dados.....	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	28
	APÊNDICES.....	29
	ANEXO.....	33

1 INTRODUÇÃO

Estudar a relação homem-meio é o principal objeto de inquietação da Geografia, pois compreendendo melhor o espaço no qual se vive possibilita a melhor organização social e de espaço. Assim, ter acesso às ferramentas adequadas para construção e compreensão do conhecimento tornam-se fatores relevantes para a práxis docente do geógrafo.

Os avanços mais ousados da educação com a chegada das TIC's e da era da internet são cada dia mais notáveis nas salas de aulas do país. Entretanto, esta chegada não abrange todo o território nacional tanto quanto gostaríamos e deparamo-nos com salas de aulas onde os recursos didáticos são escassos e a reciclagem docente ainda são grandes entraves para a aprendizagem se efetivar. Não é possível pensar o ensino e a aprendizagem sem considerar os recursos didáticos disponíveis para alunos e professores, pois são eles que tornam a aula mais atrativa e a aprendizagem mais eficaz.

O sucateamento nas escolas públicas do Brasil, principalmente quando adentramos para os interiores é notório: faltam investimentos, incentivo, qualidade e excelência de ensino. Algumas escolas faltam livros, giz e o antigo quadro negro. Em meio a esta realidade nosso objetivo é comprovar que o uso de um recurso tão simples quanto a música e o vídeo podem sim efetivar a aprendizagem e ser uma ferramenta para o geógrafo usar em sua prática docente, possibilitando assim uma melhoria significativa nas aulas dessa disciplina.

Assim, através dos recursos didáticos diferenciados e com a elaboração de metodologia adequada para a prática de ensino é possível contribuir no desenvolvimento cognitivo e na formação social do aluno.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA

2.1 Breve histórico da evolução do ensino da Geografia no Brasil

As correntes que influenciaram o ensino de Geografia no Brasil foram duas europeias: uma alemã, que estabeleceu a Geografia descritiva e sistemática tendo seus principais expoentes Alexander von Humboldt, focando seus estudos através de comparações e relações entre diversas escalas da paisagem, com o método empírico e indutivo; Karl Ritter definindo a Geografia como o estudo de sistemas naturais, o qual analisa arranjos individuais, sendo estes últimos os lugares específicos, sua análise compara tais lugares em escala regional; e Ratzel com a antropogeografia, que considera as influências do meio natural sobre o homem, formando sociedades distintas culturalmente e economicamente a partir dos recursos disponíveis para suprir as necessidades humanas. (SANT'ANNA, 2002)

Já a corrente francesa, baseada em estudos de Vital de La Blache, que a princípio criticou os estudos de Ratzel e estabeleceu uma relação entre homem e paisagem, diferente do autor alemão. La Blache define o objeto da Geografia como a relação entre homem e meio, sendo que o primeiro além de ser influenciado pelo segundo, também transforma a paisagem de acordo com suas necessidades, através do método empírico-indutivo, este autor explica os fenômenos somente através da observação direta destes, classificando-os de forma tipológicas. Além de La Blache, podemos citar outros autores franceses que se desdobraram a partir da proposta lablaciana, tais como Camille Vallaux, Comte e Sorre (MORAES, 1983).

Tais correntes consideradas na perspectiva da Geografia Moderna, foram fundamentais para responderem “o que existe em tal lugar”, tendo como perspectiva a diferenciação do espaço e a relação entre homem e meio (FERREIRA; SIMÃO, 1986).

Em 1837, a disciplina de Geografia escolar foi incluída no currículo escolar de forma explícita no Brasil, no Colégio Pedro II, situado no Rio de Janeiro. A princípio, tal disciplina pautava-se somente na metodologia Positivista, de cunho tradicional, isto é, centralizada na descrição e memorização de conteúdos, tais como a cosmografia e a astronomia, os quais não condiziam com a realidade dos alunos. Ainda não havia, nesta época, estudos sistemáticos sobre didática em Geografia. Somente no início do século XX, destacou-se o professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho, de influência

francesa, como um dos principais introdutores da didática em Geografia no âmbito escolar.

O período da ditadura militar que perpassa as décadas de 1960-80, foi marcada, a princípio, pela exaltação do patriotismo, o qual deveria ser difundido pela mídia e, principalmente, nas disciplinas de História e Geografia na escola. A Geografia deveria dilacionar estudos acríticos, meramente descritivos, exaltando o Estado-nação, o formato do território brasileiro e suas potencialidades.

Em meados da década de 1970 há o início da tentativa de ruptura com a Geografia Tradicional ensinada nas salas de aula. Esta ocorre quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 5692/71) promoveu a junção curricular de Geografia e História substituindo-as pela disciplina de Estudos Sociais, sem questionar as teorias e os fundamentos epistemológicos particulares de cada disciplina.

Na década de 1980, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH), analisaram e questionaram os Estudos Sociais como disciplina, e conseguiram sua remoção da grade curricular nos ensinos de primeiro e segundo graus da época. Os objetivos dos membros dessas associações eram inserir as disciplinas de Geografia e História no ensino de forma a qualificar a aprendizagem, através de metodologias condizentes com suas particularidades. Entre as décadas de 1980 e 1990, foram produzidas propostas curriculares em parceria com as universidades, esta realidade, conhecida como "movimento de renovação curricular", possibilitou um estudo sobre o conteúdo curricular na disciplina de Geografia de acordo com sua finalidade educacional (PONTUSCHKA, 2009). É importante destacar a transição que o ensino de Geografia perpassa neste momento de sua história, como destaca Cavalcanti (2008, p. 23):

Mais do que localizar e descrever elementos da natureza, da população e da economia, de forma separada e dicotomizada, propunha-se uma nova estrutura para esse conteúdo escolar, que tivesse como pressupostos o espaço e as contradições sociais, orientando-se pela explicação das causas e decorrências das localizações de certas estruturas espaciais.

A partir da década de 1980, apesar da crise deste movimento sociopolítico, o marxismo contribuiu no reforço da fundamentação pedagógica-didática, na busca de métodos de ensino que auxiliaram o aluno a pensar criticamente no contexto do início da globalização.

Assim, ampliam-se os estudos sobre ensino de Geografia que se intensificam nas duas últimas décadas do século XX e, no início do século XXI, há encontros, congressos e simpósios tanto sobre teoria da Geografia acadêmica quanto em didática em Geografia.

2.2 O professor de Geografia e as metodologias de ensino

Para o exercício da docência, torna-se imprescindível que o professor elabore seu trabalho de maneira a alcançar objetivos efetivos e realmente transformadores na construção do conhecimento do aluno. Isto diz respeito ao desenvolvimento de um ensino que possa traçar caminhos a tornar o aluno sujeito problematizador e questionador de sua realidade, extinguindo a visão de que o educando é apenas um depósito de ideias preconcebidas e acabadas, sem qualquer participação no processo, buscando eliminar, desta forma, o mecanicismo muitas vezes presente nas aulas.

Um ensino sem elo de realidade entre o aluno e o conhecimento, que diversas vezes se transforma apenas em conteúdo, caminha para rumos de uma educação fracassada, que pouco modifica ou constrói o pensamento daquele.

Freire (1975) deixa claro em sua obra esta relação da escola com o conteúdo somente serve para encher nossos alunos de ideias prontas, as quais não os levarão a pensarem o que realmente está implícito nas entrelinhas:

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, não “bancária”, é que em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (p.141).

Nesse sentido, a Geografia, como disciplina que trata, dentre outros temas, mas principalmente, das transformações socioespaciais e interação entre meio físico e social, precisa educar o aluno de forma a inseri-lo neste contexto capacitando-o a construir sua própria visão a respeito dos temas geográficos.

Contudo, o livro didático – que é um dos principais recursos utilizados pelo professor - representa muito pouco para que se possa executar a tarefa de inserção desse aluno no universo geográfico, sendo necessário que o professor busque mecanismos que o auxiliem nesse ofício. É certo que o livro didático é uma ferramenta de grande valia, que traz os assuntos e temas geográficos organizados e abrangentes, porém o professor

não deve se prender fielmente apenas a ele, devendo utilizar-se de outros meios para levar o conhecimento geográfico aos seus alunos.

Nessa perspectiva, a utilização dos recursos tecnológicos/audiovisuais é capaz de transformar o ensino em sala de aula, pois, direcionando as aulas para o uso de mídias e recursos tecnológicos, os quais o aluno certamente encontra fora de sala, despertará nele o fascínio pelas aulas, tornando-as mais dinamizadas, incentivando-o, desta forma, à pesquisa, à busca pelo conhecimento estudado em sala e a uma maior interação com o ensino através da utilização desses auxílios pedagógicos, o que seria, certamente, mais difícil, através de aulas exclusivamente teóricas as quais se caracterizam pela mesmice e pela simples reprodução do conhecimento geográfico, comprometendo o interesse do aluno e trazendo prejuízos para o processo de ensino aprendizagem. Podemos corroborar tal ideia com o que esclarece Pacheco (1991):

Imersos em um universo audiovisual cada vez mais complexo, crianças e jovens devem assimilar e reacomodar seus códigos comunicacionais para captar o ritmo vertiginoso e as suas mudanças que a realidade lhes impõe. Expostos diariamente às linguagens audiovisuais, como novas formas de expressão e comunicação, as crianças e jovens acabam recebendo, em contrapartida, uma educação verbalista e reprodutora que desconhece ou não se aproveita na linguagem de uma 'escola paralela' representada pela tão amada tevê. (P. 09).

Desse modo, podemos citar a grande valia da utilização de recursos audiovisuais, como o vídeo e a música (mas não só eles), como ferramentas adequadas a contribuir para o aprimoramento e inovação dos métodos de ensino ora debatidos. Tais tipos de recursos são capazes de propiciar ao docente um ensino renovador, que construa um conhecimento libertador e crítico, o qual possa incentivar uma maior atenção em suas aulas e seus respectivos conteúdos, onde neste caso, objetiva-se, através destes meios, o despertar para um maior interesse pelas aulas de Geografia, assim como a facilitação do aprendizado dos temas inerentes a estas.

Enfim, inovar nos procedimentos metodológicos é tornar o conhecimento geográfico disciplina em ciência crítica, interessante e instigadora para os alunos. Muitos estudos apontam para esta tendência no ensino atual, embora alguns professores ainda se mostrem relutantes às mudanças.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Metodologia

A metodologia utilizada foi baseada na pesquisa, abordagem qualitativa e percepções do estudo de caso das turmas supracitadas. Ainda fora utilizado como suporte metodológico, pesquisas bibliográficas, de internet e as produções e opiniões dos alunos do nono ano sobre a geografia.

3.2 Conhecendo a escola-campo

O presente estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração, no município de Alagoa Grande-PB, pertencente à rede pública de ensino do Estado da Paraíba, onde é oferecido o ensino do primeiro ao nono ano regular, tendo sido o estudo desenvolvido nas turmas da última série. A escola nasceu de um embrião da necessidade do Centro de Formação e Treinamento de Professores de Alagoa Grande, que não tinha laboratório para avaliar os seus cursistas e professores em 1964, no Governo do Presidente Marechal H. A. Castelo Branco, do Governador Estadual Pedro Moreno Gondim e do Secretário da Educação Antonio Nominando de Diniz.

O espaço físico da escola é amplo, contando com 15 salas de aulas, refeitório, cozinha, almoxarifado, banheiros independentes para os alunos, funcionários e professores, auditório com capacidade para cerca de 600 pessoas, possui ainda a ala reservada para a estadia dos cursistas, com 20 quartos. Hoje funciona com turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, tendo como diretor o professor Cleones Lúcio Ferreira de Moraes Lins e Vice-diretora a professora Maria Irece Agra.



Figura 1: Entrada principal da Escola de Demonstração de Alagoa Grande

Vale ainda ressaltar que a razão da escolha das turmas acima citadas, teve amparo no conhecimento prévio de que, no que diz respeito à disciplina de Geografia, as turmas do 9º ano, A e B, da escola antes mencionada, encontram-se inserida em um processo de ensino-aprendizagem condizente com a temática introduzida neste trabalho, pois o professor se utiliza de vastos meios e recursos para aprimorar suas aulas, o que foi amplamente válido para ratificar a defesa da mesma, através da experiência em laboratório.

3.3 Instrumentos de pesquisa

Para a realização do laboratório, foram escolhidos como eixos principais, o vídeo e a música, ambos relacionados à temática anteriormente citada. Inicialmente, fora utilizado o quadro negro para uma breve elucidação oral do que iminentemente viria a ser trabalhado com os alunos. Em seguida, o vídeo, “Tempo, Trabalho e Subjetividade”, fora apresentado por meio de data show, em sala adequada para projeção, haja vista haver tal estrutura na escola, o que contribui para a produção de aulas mais dinâmicas.

Para concluir a experiência, no que diz respeito à produção da aula, fora utilizado aparelho de som para reprodução da música “Capitão de Indústria”, interpretada pela banda nacional “Os Paralamas do Sucesso”.

Após os trabalhos didáticos, fora utilizado um questionário contendo cinco questões de múltipla escolha para que os alunos avaliassem a qualidade da aula trabalhada durante o período de estudo de caso.

3.4 Roteiro de Campo

O estudo foi realizado em três encontros, cada um com duração de uma hora e trinta minutos, em cada turma, tendo sido este, um período satisfatório para atingir o objetivo buscado: o suporte prático para o desenvolvimento deste trabalho.

A proposta se iniciou, no primeiro encontro, com apresentação do conteúdo a ser trabalhado com uma breve elucidação prévia acerca do mesmo, feita de forma oral com apoio do quadro negro.

Em seguida, tivemos a reprodução do vídeo “Tempo, trabalho e subjetividade”, o qual, em suas entrelinhas, faz uma reflexão sobre os moldes de exploração do trabalho dentro do sistema capitalista, onde trouxe como reflexão, as duras penas sofridas pelo trabalhador em razão dessa exploração, as quais desencadeiam efeitos negativos em diversos aspectos da sua vida e se caracterizam pelas longas e intensas jornadas de trabalho, adoecimento em razão da junção destes fatores, baixos salários e trabalho análogo ao trabalho escravo, assim como, o tempo que acaba se tornando reduzido para cuidar de questões de cunho subjetivo, ligados à qualidade de vida e a afetividade do sujeito, estando todos estes fatores, estreitamente interligados.

Durante a reprodução do vídeo, pôde ser verificado em ambas as turmas, a atenção e interesse voltado para o mesmo e após sua reprodução foram feitos breves comentários orais onde ficou demonstrado pelos alunos a compreensão do que fora transmitido inicialmente em sala.

Para desfecho da aula, foram propostos para encontro seguinte, a produção de uma resenha crítica, a ser feita individualmente, acerca do conteúdo trazido pelo vídeo, assim como, uma pesquisa, a ser feita em grupo, sobre “Condições de trabalho análogas ao trabalho escravo”, sendo este último, um tema mais restrito, porém inserido no contexto do vídeo “Tempo, trabalho e subjetividade.”

No encontro seguinte, os alunos trouxeram as resenhas críticas e realizaram a apresentação da pesquisa em grupo por meio de cartazes e meios audiovisuais, tendo sido aberto ao final, um espaço de tempo para que fossem tecidos comentários acerca do tema das apresentações dos grupos.

O último encontro fora realizado a partir do trabalho com áudio, por meio da reprodução da música anteriormente citada, onde fora feita a análise da letra (impressa)

e após a reprodução da mesma, os devidos comentários por cada um dos alunos, encerrado, assim, o conteúdo didático que se objetivava trabalhar.

Para finalizar, foram entregues aos alunos, os questionários para avaliação das aulas, preenchidos de forma individual e sem necessidade de identificação.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.1 As avaliações e seus resultados

Como resposta às avaliações, pôde-se observar, de uma forma geral, resultados satisfatórios, onde restou claramente perceptível, a partir das produções individuais e grupais realizadas pelos alunos, que o conteúdo fora absorvido de forma muito satisfatória pela grande maioria destes, onde demonstraram ter adquirido o conhecimento esperado sobre o conteúdo que fora trabalhado nas aulas.

Deste modo, podemos corroborar a conclusão acima, a partir de recortes de algumas atividades elaboradas pelos discentes na avaliação em sala de aula.

Logo abaixo seguem trechos de algumas resenhas críticas elaboradas individualmente por alunos de ambas as turmas:

“Posso dizer que hoje em dia tem muitas pessoas com problemas em relação ao trabalho, pois tudo é organizado de um modo que uma coisa leva a outra, como o capitalismo ele depende do lucro que precisa de exploração do trabalhador e exploração ambiental ao aumento do consumismo, começam (sic) a trabalhar com péssima qualidade de vida, com aparições de doenças e baixo salário vai se tornando um trabalho intensivo, vai atacando as relações pessoais (sic) e afetivas, acabam perdendo muita coisa por causa do trabalho.” Layne Alves dos Santos.

“O trabalho escravo aumenta consideravelmente todos os dias, em um vídeo visto por mim e colegas de sala onde estudo, nós vimos subjetivamente o trabalhador escravo no qual seus patrões os exploram por salários baixíssimos e sem se preocupar com seus trabalhadores, mas (sic) com o lucro...” João Paulo.

“Capitalismo é muitas vezes influenciado pelo lucro de empresas e acaba se tornando uma exploração ao trabalhador. Além de algumas pessoas já terem (sic) problema no caminho do trabalho ou trabalham com horas a mais. E com isso acabam com uma péssima qualidade de

vida e muito trabalho e pouco dinheiro, e as doenças começam a parecer e os trabalhadores vão tendo um trabalho intenso (sic) e muito desgastante, tem pouca relação afetiva, cansaço (sic) extremo a ponto de causar estresse, enquanto mais aumenta (sic) o consumismo e a exploração se expande e vão devastando o meio ambiente.” Thalia Ferreira de Araújo.

“O vídeo relata muito a exploração do trabalhador, pois o capitalismo visa tanto os lucros que fazem os trabalhadores trabalharem mais rápido em menos tempo e isso acaba resultando em exploração ao trabalhador. (...) Por serem tão explorados, os trabalhadores acabam arriscando sua própria saúde (...) Trabalhar intensamente em tão pouco tempo, faz com que as pessoas não tenham tempo para si mesmo, ou seja, não tem tempo para suas atividades pessoais com sua família(...) Mostrou que muitas empresas vem para o Brasil atrás de mão-d-obra barata e muitas pessoas por necessitar daquele dinheiro, se deixam ser exploradas.” Helayne de Paiva Rodrigues.

“O documentário que assisti na aula passada relatava a exploração do trabalhador, infelizmente é a realidade, patrões explorando com cargas horárias maiores, baixos salários, sem auxílio a planos de saúde, sem se importar com os seus trabalhadores que também são seres humanos. Pessoas que lutam pelo pão de cada dia, pessoas que lutam pela qualidade de vida melhor e seus patrões explorando para ganhar mais dinheiro, para lucrar mais em cima dessas pobres pessoas.” Mariana Costa Araújo.

“(...) As fábricas exploram (sic) o trabalhador, eles trabalham por horas e horas muitas vezes sem parar e quase sem tempo para dar atenção a própria família e a pouca qualidade de vida também é outro fator que contribui e as doenças causadas pelo trabalho intenso.” Adriele Kelme da Silva Ferreira.

Ainda em termos de avaliação, fora proposta uma atividade em grupo, onde buscou-se incentivar o aluno à pesquisa. Para isto, o tema escolhido para esta atividade fora “Casos de condições de trabalho análogas ao trabalho escravo”, onde tal assunto se inseria no contexto geral do tema cujo estava sendo trabalhado. Os trabalhos foram expostos em sala de aula pelos alunos, os quais confeccionaram cartazes para auxiliar no desenvolvimento da apresentação dos trabalhos em sala de aula.

Os resultados dessa segunda etapa de avaliação foram tão positivos quanto os obtidos na primeira atividade, pois os alunos trouxeram com segurança o tema sugerido, de forma compreensiva e que demonstrava total entrosamento com o conteúdo. Ao passo que evoluíam as apresentações, fora constatado que, de um modo geral, todos estavam absorvendo os conhecimentos relativos à proposta do conteúdo, onde realizaram a apresentação das atividades de forma descontraída e dinâmica.

Por fim, para fazer relação com o que já havia sido trabalhado, a aula teve desfecho com a reprodução da música “Capitães de Indústria”, interpretada pela banda nacional “Os Paralamas do Sucesso”. A canção traz em sua letra uma relação com as relações de trabalho, dentro do contexto do conteúdo trabalhado. Os alunos acompanharam a execução da música juntamente com a letra da mesma impressa, de forma individualizada. Logo em seguida, foram feitos comentários pro todos, onde foi possível apurar o domínio completo do conteúdo, pois os comentários expressos a partir da música deixaram evidenciados que fora alcançado o objetivo buscado para as aulas, sendo plenamente satisfatórios os resultados ao final destas, pois a partir dos recursos de música e vídeo utilizados nas mesmas, foi possível a realização de aulas ricas e atraentes para os discentes, os quais demonstraram um “feedback” bastante positivo, o que serviu de embasamento para ratificar esta pesquisa.

4.2 Análise dos dados

O objetivo de privilegiar a opinião dos alunos neste estudo é avaliar como eles veem a prática pedagógica do professor e os recursos didáticos utilizados em sala de aula. Este método foi relevante para a nossa pesquisa para que desvinculemos o ensino de Geografia do tradicionalismo, que mesmo tendo seu espaço, não deve ser o único considerado quando se trata de aprendizagem. Nosso universo de pesquisa foram duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental do turno da manhã, a turma A, com 22 alunos e a turma B com 19, totalizando 41 alunos. Nossa primeira pergunta investigativa foi referente a forma como os educandos veem a Geografia, as respostas estão explícitas conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – O que é a Geografia para você?

1. A GEOGRAFIA É:	Turma A	Turma B	TOTAL
Disciplina Preferida	6 (14,6%)	10 (24,4%)	16 (39%)
Simpatia pela disciplina	16 (39%)	8 (19,6%)	24 (58,6%)
Tem horror a disciplina	0	0	0
Não gosta da disciplina	0	1(2,4%)	1 (2,4%)
TOTAL	22 (53,6%)	19 (46,4%)	41 (100%)

Fonte: Questionário elaborado pelo pesquisador. Dez/2013.

Podemos perceber que as impressões iniciais acerca do que vem a ser a Geografia na concepção do aluno variam bastante, a maioria da Turma B (10 alunos) declarou ser a disciplina preferida, enquanto a Turma A, apenas 8 alunos responderam da mesma forma. Apenas 2 alunos do total declararam não gostar da disciplina. A maioria dos alunos das duas turmas disseram que sentem simpatia pela disciplina e esta é uma resposta que devemos analisar bem, pois surgem perguntas como: O que leva o aluno a ter simpatia ou declarar que é sua disciplina preferida? Essas questões são prontamente respondidas quando analisamos os dados da próxima pergunta expostos na tabela 2:

Tabela 2: Como são as aulas de Geografia?

2. AS AULAS DE GEOGRAFIA SÃO	TURMA A	TURMA B	TOTAL
Chatas	0	0	0
Boas	5 (12,2%)	6 (14,6%)	11 (26,8%)
Dinâmicas	17 (41,4%)	13 (31,8%)	30 (73,2%)
TOTAL	22 (53,6%)	19 (46,4%)	41 (100%)

Fonte: Questionário elaborado pelo pesquisador. Dez/2013.

Ao nos deparar com o dinamismo declarado pelos alunos na Tabela 2, onde 30 alunos do total da nossa amostragem de 41 responderam que as aulas de Geografia são dinâmicas podemos facilmente associar a ‘simpatia’ e a ‘preferência’ declarada anteriormente na Tabela 1, isso comprova uma de nossas hipóteses: o ensino de Geografia dinâmico e que privilegia recursos didáticos diferentes do tradicional atraem mais os alunos e isso faz com que a disciplina tenha novos prismas para eles.



Figura 3 – Foto da Aula de Geografia utilizando o recurso cartazes e audiovisual

É importante identificar neste momento que nenhum aluno declarou que as aulas da referida disciplina são chatas ou enfadonhas, realidade típica de alguns anos atrás, onde o ensino de Geografia era afinado com o paradigma do tradicionalismo escolar, dificultando assim, o acesso e a aprendizagem da disciplina. A maior satisfação registrada em relação a dinâmica das aulas foi registrada na Turma A, onde 17 alunos declararam que o dinamismo é característica das aulas.

Tal dinamismo pôde ser comprovado quando perguntamos em nossa investigação se os recursos audiovisuais tornam as aulas mais paradas ou se chamam atenção, conforme mostramos na Tabela 3:

Tabela 3: Os Recursos audiovisuais tornam as aulas mais paradas ou mais interessantes?

3. OS RECURSOS AUDIOVISUAIS TORNAM AS AULAS MAIS:	TURMA A	TURMA B	TOTAL
Paradas e não chamam atenção	0	0	0
Interessantes, pois despertam atenção	22 (53,6%)	19 (46,4%)	41(100%)

Fonte: Questionário elaborado pelo pesquisador. Dez/2013.

É notória a satisfação do aluno enquanto à utilização de recursos audiovisuais em sala de aula. Neste questionamento todos os alunos foram unânimes ao declararem que tais recursos tornam as aulas mais interessantes, pois despertam a atenção deles. De modo que a finalidade não é somente quebrar os paradigmas do ensino tradicional no que se refere aos conteúdos e as formas associadas de memorização atribuídas à Geografia e ao distanciamento da realidade dos alunos. Substituir recursos didáticos tradicionais pelo moderno não é a solução mágica.

A questão é bem maior e perpassa a postura teórico-metodológica adotada pelo professor que deve ser, acima de tudo, um educador formador de cidadãos capazes de problematizar, dialogar, desconstruir e reconstruir o conhecimento e dar a este um direcionamento seja no espaço próximo ou distante a partir da educação geográfica. (SILVA e MUNIZ, 2012).

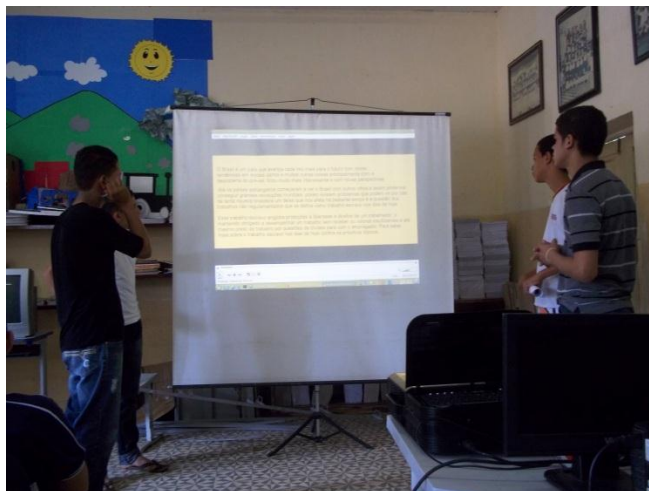


Figura 2: Foto da aula de Geografia utilizando recursos audiovisuais

O aluno sente-se participante ativo do contexto no qual está inserido e desenvolve o senso crítico de cidadão, que é um dos papéis da formação geográfica na vida do educando. Quando perguntamos acerca das aulas que foram ministradas com o auxílio do vídeo “Tempo, Trabalho e Subjetividade” e com a música “Capitão da Indústria”, mais uma vez os alunos são unânimes ao declarar que esses recursos facilitaram a aprendizagem e a compreensão do assunto em questão, conforme mostramos na Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – As aulas ministradas com o vídeo “Tempo, Trabalho e Subjetividade” e com a música “Capitão da Indústria” dinamizou a aula de Geografia e facilitou a sua compreensão?

4. AS AULAS COM O VÍDEO E A MÚSICA FACILITARAM A SUA COMPREENSÃO?	TURMA A	TURMA B	TOTAL
Sim	22 (53,6%)	19 (46,4%)	41(100%)
Não	0	0	0

Fonte: Questionário elaborado pelo pesquisador. Dez/2013.

Todos os que participaram de nossa pesquisa, o universo de 41 alunos (100%) responderam que as aulas ministradas com vídeo e áudio melhoraram a compreensão e chamaram mais atenção de todos. Podemos perceber através das respostas dos alunos o quanto é importante o uso de novos recursos advindos das novas tecnologias na sala de aula, não apenas como facilitador da aprendizagem, como também uma maneira de reciclar os conhecimentos do próprio professor, enquanto formador de cidadãos críticos e participativos nas diversas esferas sociais.



Figura 4 – Foto da exibição do vídeo “Tempo, Trabalho e Subjetividade”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório como as novas tecnologias vêm se alojando no modo de vida da sociedade, sendo valorizadas e aceitas de maneira instantâneas. Na área educacional, sobretudo na Geografia, buscamos com este estudo comprovar que a educação nacional e a práxis docente precisam também se adequar à nova realidade global, pois os jogos, a internet, as redes sociais e a televisão atraem mais a atenção do educando do que o ensino tradicional e bitolado apenas ao livro didático.

Investigamos durante duas semanas duas turmas de Geografia de uma escola estadual na cidade de Alagoa Grande e, com base nos nossos dados, comprovamos nossas hipóteses iniciais: as aulas de Geografia precisam de um suporte dinâmico para se tornar mais atrativas e fáceis de assimilar. Todos os estudantes que participaram de nossa pesquisa afirmaram que os recursos que o professor utiliza interferem decisivamente na aprendizagem e na compreensão do conteúdo. Tais afirmativas nos levam a crer que quanto mais o professor aliar a sua prática recursos audiovisuais, por exemplo, os resultados serão satisfatórios.

O dia a dia nas escolas revela alunos saturados do ensino básico tradicional apoiado apenas em livros didáticos e no quadro de giz, o que reflete diretamente no desinteresse em serem participativos e, conseqüentemente na aprendizagem. A visão de que a Geografia é uma matéria decorativa e enfadonha precisa ser desfeita. Assim, essa tarefa cabe exclusivamente à metodologia que o professor utiliza em sala de aula para que os alunos percebam que é uma ciência fundamental, capaz de levá-los ao

entendimento dos fenômenos que atuam no mundo, partindo de uma escala local para uma global e vice-versa.

Nosso estudo não teve a pretensão de criar ou apresentar fórmulas para o ensino dessa ciência, mas, sobretudo mostrar que é possível aliar as novas tecnologias aos métodos do professor, para significativa melhora nas suas aulas.

Concluimos assim que as diferentes linguagens de ensino são importantes ferramentas no processo de aprendizagem da Geografia, apresentando-se como uma forma de instigar nos alunos a vontade e o prazer pela ciência geográfica, desprendendo-a de verdades absolutas e contribuindo efetivamente para sua formação cidadã.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Almir Pereira. Recursos didáticos e sua importância para as aulas de Geografia. **Conhecimento Prático: Geografia**. São Paulo: Escala Educacional. 2011. V 37. ISSN 1984-0101.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. **A evolução do pensamento geográfico**. Lisboa: Gradiva. 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MORAES, Antonio Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 2a edição. São Paulo: Editora Hucitec. 1983.

PACHECO, E. D. (org). **Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 133-139.

SILVA, Vlândia da. E MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **A Geografia escolar e os recursos didáticos**. Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jan. / jun. 2012. © 2010, Universidade Federal do Ceará.

Música Capitão de Indústria. VALLE, Paulo Sérgio, VALLE, Marcos Valle. Intérprete: Os Paralamas do Sucesso. Áudio disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=-TBh_JCh4Js&feature=kp Acesso em: 01/12/2013.

APÊNDICES

**PESQUISA EM CAMPO PARA O T. C. C.
(QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS)**

Série: _____ **turno:** _____ **turma:** _____

1. Para você a Geografia é:

- sua disciplina preferida sente simpatia pela Geografia
 não gosta da disciplina tem horror a Geografia

2. Em sua opinião, as aulas de Geografia são:

- boas chatas dinâmicas

4. Os recursos de mídia e audiovisuais quando utilizados pelo professor, tornam as aulas de Geografia mais:

- paradas e não chamam sua atenção
 interessantes, pois os conteúdos e os recursos utilizados despertam sua atenção

5. Em sua opinião, as aulas ministradas com o vídeo “Tempo, Trabalho e Subjetividade e com a música “Capitão da Indústria” dinamizou a aula de geografia e facilitou a sua compreensão?

Sim ()

Não ()

Foto dos alunos em sala de aula



Foto de aula de Geografia durante a pesquisa campo



Foto de aula de Geografia utilizando recursos audiovisuais



Foto da aula de Geografia – motivação para vídeo “Tempo, Trabalho e Subjetividade”



Foto dos alunos assistindo à aula



ANEXO

Letra da música utilizada em sala de aula

Capitão de Indústria

Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei

Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar

Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
Eu não vejo além da fumaça
Que passa e polui o ar
Eu nada sei
Eu nao vejo além disso tudo
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas

Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar